

O *zapeur* e a cidade: a narrativa caleidoscópica de Luiz Ruffato

Samantha Braga*

O projeto tem como objetivo discutir as estratégias discursivas da obra de Luiz Ruffato, escritor mineiro que vem se destacando no cenário literário pela peculiaridade de sua narrativa. Para tanto, serão retomadas questões sobre o uso exacerbado de imagens na contemporaneidade e seus efeitos na concepção do olhar. Como consequência dessa nova estruturação, será verificado como as artes sofrem modificações em suas disposições. No caso da literatura, um novo tipo de narrador surgirá, denominado *zapeur*, reformulação do conceito de *flâneur* - figura literária do século XIX -, e seu texto será marcado por uma forma singular de perceber o mundo. Essa literatura tenderá a reunir fragmentos da vida cotidiana, restos imperceptíveis ou desprezados pela grande maioria das pessoas. Como tudo já foi exposto, cabe ao artista reciclar esse material, revisitando-o. Luiz Ruffato faz parte de uma estirpe de escritores contemporâneos que, para compor sua obra, reagrupa restos, dá forma aos destroços, (re)inventa um quebra-cabeça. As cidades-personagens de seus romances são caldeirões dos quais emergem indivíduos, comportamentos, situações e histórias das mais diversas. Ruffato é a própria figura do *bricoleur*, construindo seu texto com base em fragmentos do que é deixado à deriva como lixo, como resto. Cabe ao autor-narrador de seus romances o encargo de percorrer as ruas à cata do que possa lhe servir, retomando a figura do *flâneur* baudelairiano. Entretanto, as cidades de hoje, de trânsito caótico e violência crescente, não comportam a *flânerie*, mas dão espaço ao *zapeur*, atual transeunte urbano que, apressado, nunca aprecia, apenas consome signos de forma quase automática. A crítica contemporânea deve considerar esse novo fazer literário, que recria jogos sígnicos, instaurando uma nova categoria de narrador/narrativa, fragmentária, periférica, comezinha, transeunte, mas extremamente rica em detalhes e ressignificações, caras a uma época que prima pela aparência.

* Samantha Braga é bacharel em comunicação social, especialista em língua portuguesa, mestre em literaturas de língua portuguesa e doutoranda em literatura comparada. É professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e coordenadora do curso de comunicação social do Centro Universitário UNA.